

# TEMPO DE MÁGOA

————— Célia Valente Figueira

## Primeira saída 1969

Eu era uma menina de uma família intelecto-burguesa, com Pai Professor, patriarca assumido, medroso do próprio medo, e Mãe Professora, que geria a casa com 4 “criadas”, 8 filhos e uma parente muito idosa. A Mãe tinha ideias republicanas e fazia jus a seu Pai “republicano guerrilheiro”; e dele orgulhosamente falava.

Então, o meu irmão mais velho fazia a sua comissão na guerra em Angola.

Um grande amigo da família estava na Guiné no chamado “Triângulo da Morte”.

Eu sentava-me na escada da entrada, em casa, à espera do carteiro e dos aerogramas do meu amigo e do meu irmão.

Para mim a guerra não tinha qualquer significado; era longe, nada ouvia, nada via, nada sabia, nada compreendia; achava o meu irmão muito bonito na sua farda e todos os jovens fardados eram misteriosos..., recordava, porém, uma frase de uma empregada de casa “o homem do óculo manda queimar aldeias inteiras na Guiné” – que me fazia meditar.

Comecei a ler muitos livros interditos, sobre os campos de concentração na Alemanha; não os conseguia visualizar e, por isso, considerava-os como romances, mas todas as suas descrições chocavam-me muito.

Lia-os na “casa de banho” para os meus pais não mos tirarem; eram interditos, repito.

Muitas imagens se construíram no meu cérebro: eram campos de concentração, era o efeito da bomba atômica nos seres humanos, (que havia observado em livros distribuídos pela Protecção Civil, a máscara assustadora que o meu Pai trazia para casa, pelos meus 7 anos), era a guerra no “Ultramar”, assim chamada, com tantos jovens obrigados a irem para esta guerra e que não podiam sair de Portugal logo a partir dos 14 anos de idade e eram os muitos sussurros sobre os jovens que não voltavam do “Ultramar”, e sobre aldeias queimadas, na Guiné...

Senti-me desconfortável, desconfiada, incrédula; e o cerco abafante rodeou-me como uma escura carapaça!

Saí para Coimbra, para a Faculdade de Letras, a fim de fazer a licenciatura, com 20 anos, parecendo fisicamente ter só 16.

Aspecto físico, ignorância em jeito de inocência, muita curiosidade e medo, seria uma breve e ligeira descrição de mim mesma, naquela época.

### **Anos de 1969 a 1972**

Fevereiro corria em “a Coimbra dos estudantes”, com as suas praxes, as aulas ausentes, a malta nos cafés sussurrando ideias perigosas entre olhares furtivos e desconfiados. Na atmosfera um ar estranho, parado, silencioso e, de quando em vez, uma sonoridade de aviso à aproximação de alguém suspeito.

Em dada noite, Coimbra acordou com um terramoto de alguma intensidade. Os estudantes saíram para a rua, as casas ficaram em alvoroço, tremendo tanto elas como os seus residentes, tal como os cães, os gatos e os galos, com sofridos, aflitivos e estranhos gemidos; e até a Terra, *talvez muito zangada de tanta mágoa*, rugia rouca e assustadora.

De Janeiro a Abril, os estudantes, nas “Repúblicas”, (residências comunitárias e baratas), falavam, conjecturavam e preparavam-se para a contestação.

Cuidadosamente, passavam a palavra.

Estávamos em “Tempo de Mágoa e de Silêncios”.

Em 17 de Abril, 4.000 estudantes (número impreciso) juntaram-se no “Dinis”, (palavra de ordem para a concentração), exibindo 12 cartazes, pequenos cartazes escritos à mão e atados lateralmente com uns paus; o décimo segundo dizia simplesmente “NÃO À GUERRA COLONIAL”. Seriam só estas as palavras? Apenas recorro a intenção.

Eu não percebia nada do que estava a acontecer! Expectante, incrédula, com a emoção de “estarmos muito juntos” e de sermos muitos, pelo menos a meus olhos! Estava ao mesmo tempo hilariante e nervosa!

Não tinha medo.

Afinal era mesmo uma menina ignorante e ingénua a quem os “doutores” chamavam de “caloira marrona e malcheirosa”.

Ali estive, olhando para tudo, bebendo completa e vertiginosamente todas as conversas em surdina que me rodeavam. Nada percebi; porém, acreditei

nelas e pensei bem no fundo que havia muita coisa a fazer e um caminho muito longo para realizar tudo o que estava escrito nos cartazes; 11 escritos que eu desconhecia, mas em que acreditei, porque me tocavam diretamente, sem deles sequer ter prévia consciência.

Mas como fazer? O que fazer? Onde aprender? Quem me ajudaria naquele emaranhado de emoções e vontades desconexas, muito reais, muito vivas?

Muitos homens vestidos de escuro e senhoras muito bem vestidas, com casacos de peles e tudo, entraram no edifício das “Matemáticas”, em frente à estátua de D. Dinis, na qual nos concentrávamos. Fecharam-se as portas atrás deles. Os estudantes ficaram do lado de fora do edifício. Mas, afinal, aquele edifício era para os estudantes e Professores e não para os senhores e as senhoras, tão velhos, que tinham chegado em carros muito pretos, com choferes aprumados! Amedrontaram!

Pensei no meu Tio, muito inteligente, que também tinha um chofer muito aprumado e nos meus primos que me intimidavam porque ostentavam a sua riqueza; no fundo odiava-os, mas como esse sentimento era “pecado”, nunca lhes disse o quanto. Nunca, até hoje!

Ouvi;

“Colegas, as portas fecharam-se. Não nos deixam falar com o Presidente da República sobre o que pretendemos. Se dentro de segundos (não sei precisar exactamente quantos) as portas não se abrirem, rebentamos com elas”.

Contagem decrescente e as portas fechadas.

Os Cartazes baixaram.

A posição era de avançar.

Nos dois últimos segundos as portas abriram.

Os Estudantes tomaram as “Matemáticas”.

Uma pequena vitória.

Começaram os “boicotes às aulas”, as greves aos exames, as manifestações de rua, as concentrações nos cafés e a frequência da Associação de Estudantes, para debates.

Os estudantes estavam de luto. As praxes acabaram, a Queima das Fitas não se realizou e as capas negras caíram a tapar o traje de estudante, sinal de cerimónia e de luto.

Avançou, (porque já existia nos campos e nas fábricas e eu sem saber de nada), uma repressão feroz: GNR local, PSP local, polícia de Choque de Setúbal e de Aveiro, cães pastores treinados, jipes com grades, locais sitiados, prisões, julgamentos sumários por juízes situacionistas, como convinha, a estudantes que eram acusados de duas armas terríveis: “pimenta preta ou branca” e “taxas e/ou pequenos pregos”.

Hoje é ridículo. Porém, nessa altura, eram estas apenas as armas de que dispúnhamos e a verdade é que... estas armas resultaram.

Pimenta para os cães que assim perdiam o faro e aquietavam-se aflitos dos olhos; taxas para os pneus dos carros da PSP que transportavam os “fura greves” para os exames, ficando muitos deles pelo caminho.

Os Professores que conosco partilhavam as lutas académicas, enfureciam-se e não fizeram exames fora das horas estabelecidas. Outros, ao contrário, trancaram-se nas salas para examinar os alunos e as alunas que furaram as greves. A estes era necessário impedir que realizassem os exames à porta fechada.

Muitos estudantes foram levados para Caxias, o hospital-prisão nos arredores de Lisboa.

A sede da PIDE em Coimbra estava cheia de estudantes detidos.

As torturas por “Estátua”, os aviltamentos, “a porrada” quase até à morte, as intoxicações por medicamentos falsos, as ameaças, os gritos ouvidos pelos corredores..., transformaram os estudantes em farrapos ensanguentados, em seres indignos; mas permitiram que estes tomassem conhecimento de outros presos, não estudantes, cujas torturas eram bem mais violentas e severas e de tanto que o eram, até causavam vómitos a quem as ouviu relatar.

Nós, os que engrossámos as manifestações, concentrações e lutas, em Coimbra, em Lisboa e já no Porto, tomámos conhecimento das torturas dos nossos colegas; e as mágoas, medos e terrores foram-se transformando em coragem e em raiva.

Eu sentia conforto no meio dos estudantes! Eramos tantos e tão juntos!

Eu, menina de família situacionista, próxima de Inspectores da PIDE, com parentes no Governo, nas Reitorias das Universidades e das Faculdades, grandes Investigadores Internacionais, fui observada de longe, mas nunca me puderam tocar.

Não percebi, mas na minha ingenuidade ignorante, agradei o tal aconchego familiar, pois o meu medo e terror foram de tal ordem que me cegaram e até me tolheram em algumas ocasiões.

Decididamente não era uma Mulher Corajosa. Fui uma menina mimada, burguesa a quem nada faltou e sem qualquer “vocaçãõ para mártir” (assim penso eu, ainda hoje, com todo o desrespeito que a ignorância provoca).

## **Segunda saída – 1972**

Em Outubro de 1971, casei.

A minha Amiga que fora presa em Caxias e torturada pela PIDE, na “Casa das Janelas Verdes” (como me contou então), dizia que eu era uma romântica e que o homem que eu escolhi para casar não era para mim.

Não percebi.

Agora sei! Romântica, sim, mas de uma ignorância político social tremenda, que me tornou (e sem desprezo o digo, porque tenho muito respeito por quem trabalha mesmo que o faça mal), numa mulher doméstica de criar filhos e fazer as lidas de casa. Só tirei a licenciatura porque era uso e costume que na “família de intelectuais não existissem ovelhas tresmalhadas”.

Em Agosto de 1972 fui para Luanda, com o meu marido, para leccionar em alguma Escola Pública que me aceitasse.

Em Setembro fui colocada na então Escola Industrial e Comercial Ferreira da Silva em Luanda.

Ao mesmo tempo, fui convidada para Coordenadora Pedagógica de um Colégio particular onde também leccionei.

A Escola Ferreira da Silva funcionava em 3 edifícios diferentes e distantes uns dos outros. Eu tive aulas de segunda a sábado, de dia em 2 edifícios e à noite no liceu Salvador Correia com quem a Escola Ferreira da Silva tinha uma parceria.

Em Outubro vim a Lisboa para fazer exame da última cadeira para o bacharelato, na Universidade de Lisboa.

Um Estudante de Direito fora abatido pela polícia.

A Universidade entrou em greve e eu não fiz o exame.

Voltei para Luanda.

Pelas três horas e trinta minutos da madrugada, cheguei ao aeroporto e ninguém me esperava. Estava grávida de mês e meio, em outubro/72!

Apanhei um táxi e cheguei a casa.

O meu marido estava já na cama, acordado, esperando-me e com a cabeça colocada nos seus braços abertos. Com ar ameaçador fez-me perguntas amargas de frias, secas de inquisidoras, humilhantes de violência. Com medo, fui-me afastando até ao canto do quarto mais distante da cama.

Concluiu ele que a PIDE me procurava, por eu ter cedido a nossa casa situada na linha do Estoril para uma reunião subversiva e comunista. A casa estava no nome dele! Segundo o meu marido, soubera-o por um “informador da PIDE”, meu aluno. A denúncia veio do Ministério do Interior, da voz de um colega de Coimbra, e em meu nome de solteira, o que excluiu de suspeito o meu marido.

Naquele momento correu no meu cérebro:

- Porquê só eu?
- Porque é que não fora incluído o seu nome na denúncia?
- Quem era aquele homem, ali deitado, que me amedrontou até às lágrimas?
- Seria ele algum informador ou estaria ligado de alguma maneira à PIDE?

Fiquei colada à parede por bastante tempo. Aquele grande quarto, ora minúsculo e abafante, cobriu-se de um silêncio pesado, frio, inseguro, cheio de manchas cinzentas. A boca amargou e uma longa tontura cobriu aquele tempo, aquele infinito tempo.

Correu o tempo lectivo com muita competência e lágrimas no fim das aulas e em quase todos os dias.

Porquê, este fim de dia?

A filha do chefe da polícia tomou todos os dias, no turno da manhã, boleia connosco.

Uma colega, esposa de um oficial superior do exército português, passou a almoçar todos os dias connosco.

Quando entrava na Escola Ferreira da Silva e Liceu Salvador Correia estava o carro da PIDE, Quando saía já lá não estava.

O Director da Escola, a quem eu chamei de “borboleta beija-mãos”, entrou na minha aula todos os dias, (sempre durante o dia, porque à noite não se atrevia), a dizer “a professora? Isto é algum comício político?”.

As salas não tinham portas, as janelas estavam partidas, a cadeira do professor estava cheia de pregos e, no quadro negro, li muitas vezes “Hoje vai haver muito sangue”.

No colégio, no período da noite e nos dias das minhas aulas, um homem vestido de cinzento, passou a colocar-se à porta da sala, a ouvir a aula.

Um aluno, sempre o mesmo e na mesma turma, fez-me perguntas provocadoras, durante algumas aulas.

Uma aluna, disse-me em surdina: “Professora aquele aluno está a fazer-lhe perguntas provocadoras e o homem da porta é PIDE”. A Aluna era preta e o aluno era louro de olhos azuis.

No meu interior surgiram emoções controversas e todo o meu corpo ficou em alerta. Tinha um filho na barriga e havia que o defender até à morte se fosse necessário.

Convidei o senhor de cinzento, (que se disse ser colega e que gostava muito das matérias que eu ministrava), para entrar nas salas de aula. Não quis e nunca entrou.

Começou uma grande perseguição da Directora da Seccção de Formação Feminina, no que se referia à minha competência como professora, ajudada por colegas e algumas alunas, até à obrigatoriedade de elaborar “Provas Globais, tipo Exames” inexistentes naquele tempo.

O cerco estava a fechar-se cada vez mais.

Ninguém me tocou. A família nunca o permitiria!...

Final não era tão perigosa assim, para abalar o sistema e/ou para ameaçar as Instituições Oficiais.

As lágrimas não paravam, a solidão foi cada vez maior e tornou-se escura.

De quando em vez, na baixa de Luanda, sentada numa esplanada a saborear um gelado, vi grupos grandes de tropas vindos de Portugal. Chegavam muito barulhentos, excitados como se iniciassem umas belas férias. O que veriam? O que fariam? Para onde iriam? ...seria para meditarem amanhã.

Pensei ao vê-los que não tinham consciência que iriam matar, matar homens, mulheres e crianças.

Ao vê-los lembrei-me que o meu irmão, o mais novo dos homens, estava exactamente em Angola, em sítio que desconhecia e na guerra, para matar.

Eu não senti a guerra. Nada vi, nada ouvi. Não houve agressão nem dos alunos nas escolas nem das populações, nas cidades que visitei e onde vivi.

Em Março de 1972 o meu irmão chegou a Luanda, vindo do interior, da guerra profunda, da guerra longínqua.

Fiquei impressionada. Entrou em minha casa e sentou-se a um canto da sala com os joelhos dobrados numa dolência impressionante.

– “Só quero um alguidar de salada de fruta”.

Quando cheguei da Escola o meu irmão estava exactamente no mesmo lugar, na mesma posição e com o alguidar vazio entre os pés.

Sofria?

Não percebi.

Nas minhas férias de Março peguei nele e fomos viajar até Nova Lisboa, (hoje Huambo), no nosso pequeno jipe “mini moke”. Estava eu no sexto mês de gravidez.

O meu irmão veio para Lisboa. A sua imagem do homem encolhido a um canto, nunca me largou até hoje!

A agressão psicológica, no meu núcleo familiar, era permanente e saturante. Em Maio o meu marido agrediu-me fisicamente.

Estava no nono mês de gravidez.

Peguei nos meus documentos, em dinheiro e numa pequena mala, e fui para a escola com intenção de apanhar o voo para Lisboa.

Andei o dia inteiro a pé, comendo em pequenos cafés e meditando; viajar 10 horas de avião no nono mês de gravidez poderia ser fatal para a Mãe e para o filho.

Voltei a casa no final das aulas.

O estado social e político do meu país não era o meu principal foco de atenção, não pensava senão em ser Mãe e Mulher e Professora.

Fui para a então Nova Lisboa leccionar no Liceu General Norton de Matos.



Tive uma filha: a minha linda filha.

A relação de família na minha casa estava cada vez mais difícil, sob a pressão constante de violência psicológica.

No Liceu e na ausência do Reitor, a Directora de Curso iniciou um processo de perseguição, para o que me socorri de um Tio considerado o maior advogado de Angola e ganhei a causa. A Directora não teve quem a apoiasse, porque o Tio estava por perto e era estatutariamente superior.

A PIDE inquiriu “o que é que eu andava a fazer” em todos os lugares visitados por mim e meus alunos, durante um projecto de “trabalho de campo”, trabalho inovador, que causou um burburinho desagradável no Sistema.

Continuava com a família por perto, protegendo-me; porém, a desconfiança no meu seio familiar e a respectiva tensão agudizaram-se ainda mais.

O cerco estava ainda mais fechado.

Angola estava sobre “brasas”. Os angolanos brancos queriam passar a capital do “Império” para Luanda. Era assunto de conversa dos círculos de convivência que, devido à profissão do meu marido, comecei a frequentar. Para mim estes assuntos eram muito estranhos e os comportamentos dos convivas estavam fora dos meus códigos de honra e educação.

Em Março de 1974 o meu marido veio para Coimbra finalizar o seu curso superior. Eu fiquei em Nova Lisboa a trabalhar e a cuidar da filha.

Deu-se o 25 de Abril.

Apercebi-me de algo através de um rádio; e nele ouvi, já no dia 26, o que se passava em Lisboa.

As notícias eram intermitentes e mal reproduzidas, mas percebi que o governo tinha sido deposto.

Abriam-se as portas aos partidos clandestinos e outros partidos surgiram.

O meu tio criou um partido, MOPOA, em Nova Lisboa, “O FNLA - os flanelas”, em Luanda, “UNITA de Savimbi” a dominar o planalto, “MPLA” a dominar o Norte, o Leste e o Sul.

O povo andava efervescente. Homens contratados atacavam as casas dos brancos, começando por matar os empregados que era uso morarem em casa própria dentro da propriedade dos patrões; e depois os próprios patrões.

O meu tio levou-me, com a filha e duas criadas, para a casa dele que ficava no meio da cidade. Outra casa estava a ser construída nos arredores, perto de um “musseque” cujos moradores trabalharam na propriedade.

Savimbi cobiçou a casa e a “chitaca” (pequena fazenda de 100 hectares), com plantações e gado; e mais tarde roubou-a e perseguiu os habitantes do musseque.

### **Primeiro regresso – 1974**

Regressei a Lisboa em Agosto de 1974, num avião fretado, com escala na ilha do Sal e bilhete de volta a Nova Lisboa.

Cheguei no Agosto quente e só me preocupou saber do meu núcleo familiar e restante família. A Revolução, hoje “Revolução dos Cravos”, foi-me contada pelas minhas irmãs e pelo meu irmão mais novo.

Achei linda a descrição dos cravos por todo o lado e sobretudo nas bocas das metralhadoras. Mas tudo o resto que ouvi foi mais lindo ainda! Os meus olhos brilharam, finalmente e o terror esvaiu-se suavemente. Fiquei tão leve!... Tudo o que procurava inconscientemente se clareou na minha cabeça. Apetecia-me cantar na rua, sorria a toda a gente e até Olás disse, como se conhecesse toda a gente.

Respirei fundo, respirei a Liberdade de falar, de rir, de andar, de escolher, de lutar, de ser Mulher, de ser eu mesma. Ser Professora, ser eu mesma com toda a minha imaginação e sabedoria em criar, em inovar, em ser Mãe, em SER EU MESMA, enfim!...

### **Segundo regresso – 1977 a 2001**

Comecei a costurar os retalhos, sozinha e com os meus livros: Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, campos de concentração no estrangeiro e em Portugal, (que vergonha); segunda guerra mundial e a bomba atómica, no Japão; os conflitos tremendos no médio Oriente; a Venezuela; Chile de Pinochet; a ditadura militar no Brasil; a guerra no Vietname; Timor, a Indonésia e a Austrália; o Exército dos Aliados e o Exército Vermelho, a Guerra nas “Colónias” ... Os nossos jovens, tão jovens, com armas a matar, a matar apenas pela “birra” de um ditador, um único homem que se vergou vergonhosamente aos grandes senhores do dinheiro e da guerra.

Nos meus pensamentos vi muitos dos nossos jovens na guerra com caras de meus irmãos e amigos, dos nossos jovens estudantes, operários de fábricas e trabalhadores públicos, camponeses e produtores dos nossos alimentos que foram encarcerados, torturados, aviltados, humilhados e até mortos em campos de concentração, nas ruas e nas sedes da PIDE e senti que a minha história era tão insignificante, tão pobre e tão sem graça!

Mas que força era essa, que coragem os movia, que abstracto filosófico social encaminhava os seus passos?

Eram presos, e voltavam a ser presos... e voltavam a ser presos.

Criei os meus heróis.

Comecei a frequentar reuniões de esclarecimento. Quis ver tudo e ouvir tudo, comparando informações e tirando as minhas conclusões.

Considere-me antifascista, revolucionária, sempre inquieta, insatisfeita e com necessidade de realizar coisas para ajudar a mudar o estabelecido, esse estabelecido que parecia imutável e unicamente verdadeiro.

Nunca fui mártir!

E conseguiria sê-lo?

Faltou-me os saberes, as ideias, os horizontes... Faltou-me ter os alicerces cerrados do sustentáculo da revolução.

Procurei a minha amiga, que fora presa e torturada. Procurei nela algumas respostas.

Estava muito doente e sem o filho.

Nunca foi abandonada pela sua família, mas carregou em silêncio uma dor muito funda que comigo partilhou uns bons anos mais tarde, (quando esteve preparada emocionalmente para falar sobre ela).

Olhando em redor senti que a sociedade mudara, depois da corajosa atitude dos nossos soldados. Não dos Superiores, porque estavam com o poder, não dos rasos, porque só queriam saciar a fome, mas dos oficiais, daqueles Capitães Comandantes que, no comando dos seus homens, tinham mais poder do que os Brigadeiros e Coronéis.

### **Terceiro regresso – 2009**

Tinha de me manifestar publicamente. Precisava de alertar, de soltar os meus receios e de voltar às memórias, aos anos dos medos, dos silêncios, das palavras escondidas. Tentar acordar as pessoas cujo bem-estar dos mais velhos vindos da “fome” e precariedade e os mais novos cujo tempo da ditadura é uma história com o mesmo relevo da do Primeiro Rei de Portugal, adormeciam, lentamente e indiferentes.

Era impossível ignorar o que vi: indiferença, desconhecimento, desconfiança, individualismo, desentendimento, aceitação, perseguição escondida.

“Os Cravos Estavam a Murchar”?

Criei uma peça de teatro: “Tempo de Mágoa”.

A peça seguiu o tempo, desde o “Tarrafal, passando pela Revolução Social, até novamente ao desinteresse e, conseqüentemente, às privações de direitos e deveres”.

Com esta peça, a coragem redobrou. Continuo, já com 76 anos, a lutar com as poucas armas que tenho, mas são firmes e fundamentadas na experiência da vida.

Não me podem tirar a razão, a razão das minhas vivências, a razão dialéctica em que acredito.

Creio firmemente, (mais do que nunca e volvidos tantos anos a tentar aprender alguma coisa), que os saberes, a cultura, a ética, a nobreza de pacto, a competência, a honestidade, os direitos à saúde, ao emprego digno, à justiça, ao bem-estar físico e espiritual... são o sustentáculo de uma sociedade livre.

